

Protagonismo brasileiro

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

Cada um de nós tem três ou quatro temas recorrentes, obsessivos, ideias fixas que nos seguem do berço ao túmulo, como dizia Nelson Rodrigues. No meu caso, uma delas é a valorização cambial.

Já escrevi várias vezes a esse respeito nesta coluna. E recentemente disse ao ministro da Fazenda, Guido Mantega: "O restaurante Fogo de Chão em Washington está mais barato do que o de Brasília!"

Entra década sai década, a tendência à valorização da moeda brasileira continua impávida, arrasando indústrias, inviabilizando firmas, destruindo empregos. Ela prejudica, por um lado, a competitividade da produção brasileira no exterior e, por outro, torna as importações mais atraentes para o empresário e o consumidor brasileiro. Nunca o brasileiro gastou tanto com turismo. Nas grandes cidades do mundo, ouve-se o português do Brasil por todos os cantos.

Um grande jornal de São Paulo, com notável descortínio, orientou os seus repórteres internacionais a buscar o "protagonismo brasileiro". O editor tinha, porém, uma concepção original de protagonismo. Por exemplo, quando ocorreu a grande erupção de um vulcão na Islândia no ano passado, espalhando uma nuvem de cinzas no Atlântico Norte, forçando o fechamento de aeroportos etc., a orientação era achar um brasileiro no meio da confusão. Não foi nada difícil. Havia brasileiros retidos em todos os aeroportos possíveis e imagináveis, inclusive na Groenlândia, na Islândia e, se bobear, até no Polo Norte. Protagonismo brasileiro!

O governo baixou, há poucos dias, nova medida para restringir a entrada de capitais e conter a valorização do real. O IOF de 6% passou a incidir sobre empréstimos e títulos de até 3 anos (até agora aplicava-se a operações de até dois anos).

Essa medida vem na esteira de outras, tomadas pelo Banco Central neste início de ano, notadamente as intervenções nos mercados à vista e futuro de câmbio e a diminuição gradual da taxa básica de juro.

A nova medida deve ajudar a segurar a queda do dólar. Deve também alongar o prazo médio das obrigações externas do país, o que contribui para nos proteger da volatilidade dos fluxos internacionais de capital.

Mas provavelmente não será suficiente. As condições internacionais trabalham a favor da alta de moedas como o real. Os principais bancos centrais do mundo desenvolvidos — a Reserva Federal, o Banco Central Europeu, o Banco do Japão e o Banco da Inglaterra — estão todos praticando políticas monetárias supereexpansivas e heterodoxas. Desde dezembro, o Banco Central Europeu, por exemplo, injetou mais de um trilhão de euros (mais de 500 bilhões em termos líquidos) nos bancos europeus por meio de operações de refinanciamento de prazo mais longo. Todos os bancos centrais acima citados praticam taxas básicas de juros próximas de zero.

O real aparece assim como uma alternativa muito atraente. A economia brasileira está forte, prestigiada. Os juros elevados oferecem perspectivas de rendimento várias vezes superiores às que se podem obter no resto do mundo, especialmente no mundo desenvolvido. Protagonismo brasileiro!

Há um entusiasmo pelo Brasil e, visto a dizer, uma das piores coisas que podem acontecer a um país é cair nas boas graças do mercado financeiro internacional.

Nessas condições, só uma ação determinada do governo pode surtir efeito maior. O ideal é atuar preventivamente para não permitir que se produza uma onda especulativa com o real, o que poderia no limite criar uma bolha no mercado de câmbio brasileiro.

Bolha assassina! Já vimos esse filme (de terror). Não queremos reprise. O Copom do Banco Central se reúne semana que vem. A próxima providência é continuar reduzindo a taxa de juro básica. Como não será possível eliminar de imediato, ou mesmo diminuir muito, o diferencial de juros entre o Brasil e o resto do mundo, o governo terá que continuar tomando medidas para encarecer ou dificultar as entradas de capital volátil ou de prazo curto.

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR. é economista e diretor-executivo pelo Brasil e mais oito países no Fundo Monetário Internacional, mas expressa os seus pontos de vista em caráter pessoal. E-mail: paulonbjr@hotmail.com. Twitter: @paulonbjr.